

O STF e a sorte da Agenda 2030

» LEOMAR DARONCHO
Procurador do Trabalho

Azar dos indianos! Em 3 de dezembro de 1984, a explosão da fábrica de veneno da Union Carbide cobriu a cidade de Bhopal, na Índia, com uma nuvem de agrotóxicos que contaminou 200 mil pessoas. Morreram imediatamente milhares de pessoas, em meio a 25 mil casos de cegueira e 50 mil incapacitados para o trabalho. A empresa alegou sigilo industrial, dificultando o tratamento das vítimas. O Governo restringiu as informações e a responsabilização com o pretexto de que poderia afugentar investidores.

Desfortuna dos vietnamitas! Na década de 1960 a Força Aérea dos Estados Unidos despejou agrotóxicos desfolhantes — Agente Laranja — nas florestas do sudeste asiático. Em 2013, a justiça sul-coreana condenou fabricantes do veneno a indenizar ex-combatentes com doenças crônicas. O Vietnã lida com 150 mil crianças malformadas, e com as crendices de que seria castigado.

Desgraceira asiática! Além da onda de aborto espontâneo e malformação de crianças, Índia e Vietnã enfrentam as sequelas do veneno em pacientes crônicos: câncer, distúrbios hormonais, digestivos e respiratórios. Os EUA iniciaram a descontaminação da dioxina do solo vietnamita. Washington, porém, adota cautela com receio das indenizações bilionárias. O Governo vietnamita teme que investigações prejudiquem exportações de gêneros alimentícios de um país contaminado.

Infórtunio dos brasileiros! O atual governo já liberou 1.458 agrotóxicos, muitos deles proibidos em países que observam dados da ciência. Em 2021, foi autorizado o herbicida Dicamba, apesar do alerta do Agronegócio de que o produto foi proibido pela Justiça dos Estados Unidos, por ser muito perigoso. O episódio demonstra que não há adversários à pauta da vida, restringindo os agrotóxicos, com exceção da indústria química e dos mal-informados, que negam a ciência.

Moléstia cearense! Cientistas da Universidade Federal do Ceará relacionaram agrotóxicos à malformação de bebês e à puberdade precoce em crianças na Chapada de Apodi. A tragédia se junta às notícias da

contaminação da água potável e da pulverização sobre a floresta amazônica, para acelerar o desmatamento, além da aplicação aérea como arma química, em aldeias indígenas e em conflitos fundiários.

Brado cearense! A mobilização local contra o veneno levou à aprovação da Lei Zé Maria do Tomé — Lei nº 16.820/2019 — proibindo o despejo por aviões no Ceará. A Lei estadual está sendo questionada no STF (ADI 6137).

Esperança brasileira! A relatora do processo, ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), apontou tratar-se de hipótese de competência legislativa concorrente. O Ceará estaria autorizado a editar normas mais protetivas à saúde e ao meio ambiente, observando normas gerais da União. No mérito, destacou que os Princípios constitucionais da Precaução e da Prevenção “impõem cautela e prudência na atuação positiva e negativa estatal na regulação de atividade econômica potencialmente lesiva”, e que “os povos devem estabelecer mecanismos de combate preventivo às ações que ameaçam a utilização sustentável dos ecossistemas”. Lembrou compromissos internacionais assumidos pelo Brasil, na Conferência da ONU sobre o Meio Ambiente (RIO 92) e na Carta da Terra (Fórum Rio+5), relacionando indicativos da contaminação de áreas vizinhas pela Deriva, quando o vento transporta o veneno dos

aviões por até 32km. O STF, que tem se mostrado atento aos objetivos da Agenda 2030 da ONU para o desenvolvimento sustentável, já contabiliza 2 votos favoráveis à Lei.

Revés para predadores ambientais. A firme atuação do STF suspendendo a Portaria nº 43/2020, da Secretaria de Defesa Agropecuária, que admitia a “aprovação tácita” de agrotóxicos, indica boas perspectivas para que prevaleça a civilizada e democrática Lei cearense. Provavelmente o Decreto nº 10.833, de 7/10/2021, que facilita o uso de produtos tóxicos, também será questionado por usurpação de atribuições do legislador.

Alento para o futuro. A resignação supersticiosa dos vietnamitas, que atribui a maior incidência de crianças nascidas com deficiências à má-sorte, é incompatível com a ciência e com a pauta de um país comprometido com a Agenda 2030. O Dia Mundial de Combate ao Uso de Agrotóxicos, referência aos 37 anos de Bhopal, reaviva a responsabilidade do Sistema de Justiça com o direito concreto ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, essencial à sadia qualidade de vida, condicionando a coletividade a defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.



Esperança, esperança: abra as asas sobre nós

» ISAAC ROITMAN

Professor emérito da UnB, pesquisador emérito do CNPq, membro da Academia Brasileira de Ciências e do Movimento 2022–2030 o Brasil e o Mundo que queremos

Inspiração desse texto foi originada da observação da expressão facial, do comportamento e da oralidade de crianças e jovens que testemunham esse cenário de crise social profunda, de desastres ecológicos, de violência, de corrupção, de falta de ética e da pandemia da Covid-19.

O confinamento de nossas crianças durante a pandemia, pode ser comparado a um passarinho dentro de uma gaiola que sobrevive e canta, mas mesmo triste não perde a esperança de voar em árvores de um galho a outro. Segundo o Conselho Nacional da Juventude, na pandemia cresceu a proporção de jovens que pensam em parar de estudar. Além disso, as dificuldades impostas pela crise sanitária causam impactos acentuados na saúde física e mental de pessoas de 15 a 29 anos.

Segundo esse estudo, os principais motivos que levam os jovens a interromperem os estudos são questões financeiras (21%) e dificuldades com ensino remoto (14%). Os principais sintomas são, depressão, ansiedade, insegurança em relação ao futuro. É imperativo desenvolver ações para ajudar os jovens a lidar com suas emoções e dificuldades. Adultos também são afetados de forma similar.

A falta de perspectivas, tem sido a principal causa do aumento de jovens que pretendem deixar o país que se tornou anêmico nessa verdadeira hemorragia que é a perda de talentos, com perda de inteligência, criatividade e energia. Esse fenômeno pode ser

observado em muitos setores e particularmente no desmonte do sistema de Ciência e Tecnologia com a fuga de cérebros para países onde a Ciência é reconhecida como essencial para um desenvolvimento social e econômico pleno. Esse desalento do jovem com o futuro do Brasil, contrasta com a esperança de uma vida digna em outros países. Uma pergunta emerge. O que devemos fazer para que o jovem brasileiro tenha a esperança de viver no seu país com alegrias e dignidade?

Em primeiro lugar é fundamental que os formuladores de políticas públicas apoiem o pleno desenvolvimento dos jovens e garantam que eles possam realizar seus potenciais individuais e coletivos. É preciso que os jovens sejam construtores do próprio futuro, pois eles é que têm mais chances de viver nesse futuro.

Nesse contexto devemos tratar como tesouros as crianças entre 0 a 6 anos (primeira infância) aplicando os protocolos que emergem da neurociência para o desenvolvimento cognitivo pleno. Paralelamente estimular o desenvolvimento da afetividade familiar que seria estendida durante toda a educação fundamental e ensino médio que além da promoção de valores e virtudes, prepararia o jovem para ter um ofício que lhe proporcionasse prazer e vida digna. Todas as crianças e jovens brasileiros teriam à disposição uma educação de qualidade independente de sua classe social.

O emprego seria pleno dentro de um projeto de longo prazo de desenvolvimento com uma economia voltada para o coletivo até a completa extinção da desigualdade social. Em

outras palavras, um crescimento com prosperidade para todos. Os salários para quem completasse o ensino básico e o superior seriam equivalentes. O ensino superior seria focado na formação de recursos humanos para que o país possa desenvolver seu projeto de nação cuja meta seria um bem-estar coletivo. O ensino superior não seria uma escada para a ascensão social, mas, sim, um processo de formação de recursos humanos para um bem-estar de todos. A democratização da educação seria o pilar de uma verdadeira democracia como pregava Anísio Teixeira.

Nessa viagem, rumo ao futuro, repleta de incertezas, devemos lutar para que haja transformações que nos levem a refundar a natureza humana. Nesse processo devemos diminuir e eliminar o consumismo excessivo, a perda da noção de comunidade e a desigualdade social.

Vamos acordar e terminar com esse triste pesadelo e sonhar, lembrando o pensamento de Aristóteles: “A esperança é o sonho do homem acordado”. Todos devemos ser protagonistas das transformações necessárias, como lembra o pensamento de John Lennon: “É uma falta de responsabilidade esperarmos que alguém faça as coisas por nós”. Vamos à luta lembrando, o pensamento de William Shakespeare: “Enquanto houver um louco, um poeta e um amante, haverá sonho e fantasia e enquanto houver sonho, amor e fantasia, haverá esperança”. Vamos todos entoar o mantra: “Esperança, esperança, abra as asas sobre nós”, para termos um Brasil e um mundo melhor.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Escolas, cidades e pandemia

Por certo, de todos os efeitos deletérios à saúde física e mental dos indivíduos, trazidos pela pandemia, nenhum outro é mais nocivo ao corpo e à mente do que o isolamento social, imposto pelas autoridades de governo, principalmente nos centros urbanos, onde o processo de interação entre as pessoas é fator fundamental para a existência da própria cidade.

A questão contraditória está em como fazer para que as cidades funcionem sem o protagonismo daqueles que são os responsáveis diretos por seu dinamismo. De fato, não é possível a movimentação de toda a engrenagem de uma cidade, sem suas peças principais, representadas pelas pessoas e, não o mínimo de racionalidade em ter toda uma infraestrutura e mecânica de uma cidade, sem aqueles a quem se destina todo esse esforço. Pelo jeito, estamos na trilha certa, para tornarmos nossas cidades em lugares fantasmas, tomadas pelo pó denso da decadência, num processo que, depois de iniciado, será difícil deter. Ao contrário do que muitos imaginam, as cidades não adormecem, não fecham para balanço e não tiram férias. Para as cidades, não vale a célebre expressão “eppur si muove”, provavelmente dita, em 1633, por Galileu Galilei, perante o tribunal da Inquisição. Já o mecanismo urbano é operado diuturnamente pelo gênero humano. A autonomia dada aos habitantes dos centros urbanos, não vale em relação às cidades.

Dito isso, fica mais fácil entender que o próprio futuro de nossas cidades e de toda a vida social é dependente direto e perpétuo do lento processo de formação acadêmica de seus habitantes. Em outras palavras, é preciso formar, sempre e cada vez mais, pessoas aptas a conduzir as cidades, sob pena de termos que abandoná-las, ameaçados pelo eventual caos, que representaria para todos nós, deixá-las administradas por mãos inabilitadas.

Nesse ponto é preciso entender que a pandemia, muito antes de representar um fator de perigo para cada um de nós, representa uma ameaça ainda maior para nosso habitat, tornando, inclusive, nossos centros urbanos em uma ameaça à nossa integridade.

As contradições, em tempos de pandemia, se acumulam. Não há como ficar na pretensa segurança do lar, deixando à cidade entregue as forças naturais da inércia. Tão ou mais importante que não deixar as engrenagens das cidades pararem, colocando a mão na massa, como fazem, por exemplo, médicos, trabalhadores da limpeza, da segurança e outros, é manter, de forma ininterrupta, sobretudo os mais jovens, nas escolas, em salas de aula, num intenso trabalho de preparação intelectual para uma futura substituição dos mais velhos no controle de nossa vida coletiva e urbana.

Salvar as cidades da pandemia é salvar seus habitantes. A possibilidade de uma nova onda, que se anuncia com essa nova variante do coronavírus, denominada de ômicron, quando ainda muitas de nossas cidades nem tiveram tempo de se recuperar de um primeiro surto, deixa ainda mais incertezas e aponta para a necessidade de manutenção redobrada de nossas cidades.

É sabido, por muitos povos, que a cidade é a extensão natural de nossas casas. Portanto, está dentro dos limites do que seria o nosso território de vivência. Fechar as cidades, deixá-las entregues à própria sorte, como tem acontecido em outras partes do país e do mundo, é apostar na nossa ruína.

Por isso, preservar os mais jovens significa, antes de tudo, dar-lhes os instrumentos necessários, por meio do ensino continuado, para que possam, mais do que sobreviver, encontrar a plenitude da vida em ambientes saudáveis e seguros. Somente a escola e o ensino de qualidade podem garantir, neste momento de expectativas e receios, um porto seguro para as futuras gerações. É no ambiente escolar que estão não só todas as respostas para a superação desse momento de aflição, como para a continuidade de nossas cidades e o prosseguimento de nossa própria espécie.

» A frase que foi pronunciada

“Duas pessoas encurtam a estrada.”

Ditado irlandês

Muito estranho

Desde que criaram a faixa central no Eixão, sabe-se que serve para emergências. Ter uma carreta autorizada pelo Detran para emitir frases e se postar na faixa de emergência é uma cena inacreditável. Típico de quem não conhece a cidade.

dos homens brancos, uma mulher negra terá muito mais dificuldades para obter uma cadeira no parlamento”. Parece que há problemas com o gênero. Competente como é, a senadora Simone Tebet que o diga. É um sim e dois não.

Acesso

Observatório

Devair Sebastião Nunes, analista de tecnologia da informação do Prodasen, foi o responsável por elaborar o material do lançamento do Observatório de Equidade no Legislativo. Com dados em mãos, ele afirmou que “perto

Por falar no Observatório da Equidade, os méritos vão para a diretora-geral do Senado, Ilana Trombka, que trabalha com o tema desde 2015 e, agora, consolida essa política organizacional, que poderá ser consultada pela população brasileira na página do Senado Federal.

» História de Brasília

O presidente João Goulart mandou dar cinco parcelas do dinheiro que está sendo gasto com alguma coisa ou com tudo, menos com as obras. (Publicada em 15/2/1962)